

Lesões músculo esqueléticas relacionadas ao trabalho da enfermagem

Nursing-related skeletal muscle injuries

Lesiones del músculo esquelético relacionadas con la enfermeira

Recebido: 12/09/2019 | Revisado: 19/09/2019 | Aceito: 24/09/2019 | Publicado: 04/10/2019

Francisco das Chagas Araújo Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8086-2150>

Universidade Estadual do Piauí, Brasil

E-mail: chicaovet@gmail.com

Kadja Fernanda Tinoco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9976-4152>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: kadjatinoco@gmail.com

Halmisson Darley Santos Siqueira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9831-5892>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: halmisson@yahoo.com.br

Evaldo Hipólito de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4180-012X>

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail : fcasrad@yahoo.com.br

Wenderson Costa da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6031-9775>

Centro Universitário de Ciências e Tecnologia do Maranhão, Brasil

E-mail: wendersoncosta09@hotmail.com

Luis Alberto de Sousa Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3099-4670>

Faculdade Diferencial FACYD/DEVRAY, Brasil

E-mail: mantha.ag@hotmail.com

Resumo

Objetivo: identificar o perfil das lesões músculo esqueléticas ocasionadas durante o trabalho da enfermagem. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem

quantitativa, realizada com 42 profissionais da equipe de enfermagem de uma unidade de pronto atendimento na cidade de Caxias-MA. A coleta de dados deu-se por meio de dois instrumentos: um com a caracterização sociodemográfica e outro com o questionário Nórdico de Sintomas Osteomusculares (QNSO). **Resultados:** As principais queixas dos profissionais de enfermagem foram dor na região dorsal e lombar (19%), houve uma porcentagem igual dos que referiram desconforto na região do pescoço e ombro (11,9%), pescoço e zona dorsal (11,9%), pescoço e zona lombar (11,9%), seguida por ombro (9,5%). O perfil dos profissionais caracteriza-se por uma alta prevalência do sexo feminino (81,0%), sendo essas em sua maioria técnicas de enfermagem (62,6%), evidenciando que a enfermagem continua sendo uma profissão predominantemente feminina e por elas não possuírem o mesmo potencial de desenvolvimento muscular dos homens estão mais sujeitas a desenvolverem Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT). **Conclusão:** A alta taxa de distúrbios osteomusculares entre os trabalhadores poderá ser o início da conscientização para que os gestores e colaboradores das instituições busquem em conjunto, soluções para redução da ocorrência desses agravos sobre as condições de trabalho desses profissionais.

Palavras-chave: Equipe de Enfermagem; Saúde do trabalhador; Transtornos Traumáticos Cumulativos.

Abstract

Objective: to identify the profile of skeletal muscle injuries caused during nursing work. **Methodology:** This is a descriptive exploratory study with a quantitative approach, conducted with 42 professionals of the nursing team of a emergency care unit in the city of Caxias-MA. Data were collected through two instruments: one with the sociodemographic characterization and the other with the Nordic Musculoskeletal Questionnaire (QNSO). **Results:** The main complaints of nursing professionals were pain in the dorsal and lumbar region (19%), there was an equal percentage of those who reported discomfort in the neck and shoulder (11.9%), neck and dorsal zone (11.9 %), neck and lumbar zone (11.9%), followed by shoulder (9.5%). The profile of the professionals is characterized by a high prevalence of females (81.0%), most of them nursing technicians (62.6%), showing that nursing remains a predominantly female profession and for them not. having the same muscle development potential as men are more likely to develop work-related musculoskeletal disorders (WRMS). **Conclusion:** The high rate of musculoskeletal disorders among workers may be the beginning of awareness for managers and employees of institutions to jointly seek solutions to reduce the occurrence of these injuries on the working conditions of these professionals.

Keywords: Nursing Team; Worker's health; Cumulative Traumatic Disorders.

Resumen

Objetivo: identificar el perfil de las lesiones del músculo esquelético causadas durante el trabajo de enfermería. **Metodología:** Este es un estudio exploratorio descriptivo con un enfoque cuantitativo, realizado con 42 profesionales del equipo de enfermería de una unidad de atención de emergencia en la ciudad de Caxias-MA. Los datos se recopilaron a través de dos instrumentos: uno con la caracterización sociodemográfica y el otro con el Cuestionario musculoesquelético nórdico (QNSO). **Resultados:** Las principales quejas de los profesionales de enfermería fueron dolor en la región dorsal y lumbar (19%), hubo un porcentaje igual de aquellos que informaron molestias en la región del cuello y los hombros (11.9%), el cuello y la zona dorsal (11.9 %), cuello y zona lumbar (11,9%), seguido de hombro (9,5%). El perfil de los profesionales se caracteriza por una alta prevalencia de mujeres (81.0%), la mayoría de ellos técnicos de enfermería (62.6%), lo que demuestra que la enfermería sigue siendo una profesión predominantemente femenina y para ellos no. tener el mismo potencial de desarrollo muscular que los hombres tienen más probabilidades de desarrollar trastornos musculoesqueléticos relacionados con el trabajo (WRMS). **Conclusión:** La alta tasa de trastornos musculoesqueléticos entre los trabajadores puede ser el comienzo de la conciencia de los gerentes y empleados de las instituciones para buscar soluciones conjuntas para reducir la aparición de estas lesiones en las condiciones laborales de estos profesionales.

Palabras clave: Equipo de enfermería; Salud ocupacional; Trastornos acumulativos traumáticos.

1. Introdução

As Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e os Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), são síndromes que atingem o sistema músculo esquelético, desencadeadas pelo esgotamento físico das estruturas anatômicas do sistema osteomuscular, estando associadas à falta de tempo de recuperação, caracterizado pela ocorrência de outros sintomas interligados ou não, podendo a vir desencadear incapacidade laboral temporária (Silva et al., 2016).

LER/DORT são termos usados para designar as afecções que podem ser apresentadas como: tenossinovite, síndrome do túnel do carpo, tendinite, bursite, ombro doloroso, lombalgia e outras patologias associadas a fadiga muscular que podem ocorrer principalmente

no ombro e pescoço. Resultante de uma origem ocupacional, ela pode ser motivada de forma combinada ou do uso repetido e forçado de grupamentos musculares e da manutenção inadequada da postura (Brasil, 2004).

Existem vários trabalhadores com queixas de dor sendo atribuída ao seu trabalho. No Brasil, a partir da década de 1980, a taxa de ocorrência de distúrbios musculoesqueléticos (LER/DORT) representam um dos grupos de doenças ocupacionais com os dados disponíveis registradas mais prevalentes, tendo um aumento de mais de 80% segundo estatísticas referentes à população de trabalhadores segurados (Brasil, 2013).

Nesse contexto, diversos estudos em todo o mundo têm destacado a elevada morbidade por DORT entre profissionais de enfermagem, tais quais a exigência de postura inadequada na prestação de cuidados, aspectos como a escala de trabalho e o baixo quantitativo de pessoal por turnos, a rotina intensa de cuidados dispensados aos pacientes, assim como as características morfológicas dos clientes e a inadequada configuração física dos móveis nos locais de trabalho, sendo considerados elementos que contribuem para explicar o desenvolvimento dessas lesões (Brasil, 2004).

A pesquisa desenvolveu-se com base na seguinte questão norteadora: Quais fatores de risco ocasionam o aparecimento de lesões osteomusculares provenientes do trabalho da enfermagem?

Seguindo essa ótica, o desenvolvimento do presente estudo justifica-se pela magnitude e relevância do tema pelo fato das lesões músculo esqueléticas terem se tornado motivo de queixa frequente de trabalhadores em todas as áreas, assim como também na área da saúde, tornando-se a segunda maior causa de afastamento de trabalho por doença ocupacional registrada no sistema público da previdência social, gerando grandes onerários aos empregadores, instituições e transtornos na vida dos funcionários, pelo uso frequente de atestados, diminuição de produção ou afastamento definitivo.

Com base nesses dados, buscou-se identificar situações que se tornam suscetíveis para o surgimento de lesões, a fim de mostrar aos gestores quais são os pontos críticos para que possam promover ações de prevenção e promoção de saúde referente as LER/DORT em funcionários da enfermagem com queixas relacionadas ao trabalho. Por fim, essa pesquisa trará grande expressão no campo científico da saúde para os profissionais de enfermagem, visto que os dados desta pesquisa, poderão servir de base para estudos posteriores que visem a melhoria da qualidade de vida e desempenho do trabalhador, principalmente aqueles acometidos por LER/DORT.

Tendo-se como ponto de partida esta questão inicial, teve-se como objetivo geral identificar o perfil das lesões músculo esqueléticas ocasionadas durante o trabalho da enfermagem. E especificamente objetivou-se: Descrever os principais fatores que levam a ocorrência de lesões músculo esqueléticas; identificar as principais lesões que acometem os profissionais de enfermagem e analisar a relação entre os fatores de risco percebidos e os problemas de saúde apontados pelos trabalhadores de enfermagem no contexto hospitalar.

2. Metodologia

Tratou-se de um estudo descritivo, exploratório, com abordagem quantitativa dos dados. O cenário do estudo foi a Unidade de Pronto Atendimento (UPA), no município de Caxias do Estado do Maranhão. A população alvo para realização desta pesquisa foi a equipe de enfermagem da unidade de pronto atendimento (UPA), que possui 60 funcionários envolvendo enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. De acordo com os critérios de inclusão e exclusão, e após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), participaram 42 pessoas do estudo.

Os critérios de inclusão para os participantes desta pesquisa foram: os profissionais devem pertencer ao grupo de funcionários da unidade de pronto atendimento; fazer parte da equipe de enfermagem; e aqueles que aceitaram em participar da pesquisa mediante a assinatura do TCLE. Foram excluídos da pesquisa os profissionais de enfermagem que se recusaram a participar e aqueles que não possuíam o TCLE devidamente assinado. Os dados foram coletados no período compreendido entre agosto e outubro de 2017, mediante a aplicação de um questionário sócio demográfico e de um questionário nórdico de sintomas musculoesqueléticos (QNSO) aos participantes do estudo.

Em relação aos procedimentos e coleta dos dados, foram realizadas por meio de visitas a UPA, onde houve um primeiro contato com a responsável da instituição, para explicação dos objetivos da pesquisa. Em seguida o questionário foi repassado aos funcionários juntamente com o TCLE e após devolução armazenados em envelopes o que garantiram o anonimato dos participantes. As variáveis levantadas no instrumento deste estudo foram: sociodemográficas e conhecimento da intensidade, frequência e local de acometimento das lesões musculoesqueléticas.

Após informações serem coletadas através dos questionários, os dados foram transcritos com a máxima fidelidade, dando início ao processo de organização e análise. As informações foram organizadas e tabuladas utilizando o Microsoft Excel versão 2010 para

Windows e as análises estatísticas foram feitas por meio do SPSS versão 20.0 para Windows (SPSS Inc. Chicago, IL 60606, EUA). Foram utilizadas análises univariada e multivariada. Na análise univariada utilizou-se estatística descritiva simples, com uso de porcentagens para avaliar as características socioeconômicas, sociodemográficas, estilo de vida e a frequência de dor nos participantes do estudo. Na análise multivariada utilizou-se o teste de qui-quadrado para avaliar a associação das variáveis qualitativas. Os dados que resultaram foram confrontados com a literatura científica sobre o assunto para fins de discussão e conclusão do estudo.

O projeto foi apreciado e devidamente aprovado pela Secretaria Municipal de Saúde de Caxias - MA (SMS). Em seguida foi submetido a Plataforma Brasil, direcionado ao comitê de Ética e Pesquisa (CEP), e aprovado sob número de CAAE Nº 71205417.6.0000.8007. O desenvolvimento do estudo seguiu todos os procedimentos éticos de pesquisa seguindo as técnicas adequadas descritas para o cumprimento dos preceitos éticos relacionados à pesquisa com seres humanos estabelecidos pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

3. Resultados

A apresentação dos resultados está organizada em duas partes. Na primeira, mostram-se as análises univariadas e na segunda, as multivariadas. Nas análises univariadas, são apresentadas a caracterização dos profissionais quanto as variáveis socioeconômica e demográfica, estilo de vida, prevalência de dor osteomuscular, frequência de desconfortos musculares de acordo com a região anatômica e frequência de sintomas musculoesqueléticos em profissionais de saúde, nos últimos 12 meses, nos últimos sete dias e sua ausência do trabalho. Na análise multivariada apresenta-se a associação entre as variáveis sociodemográfica, estilo de vida e desconforto osteomuscular em profissionais de saúde.

3.1 Caracterização dos profissionais de saúde segundo variáveis socioeconômicas e demográficas

A tabela 1 apresenta os resultados socioeconômico e demográfico dos profissionais de saúde, onde o estudo revelou que a maioria era do sexo feminino (81,0%), com idade entre 21 a 30 anos (81,0%). Em relação ao estado civil, houve prevalência de indivíduos solteiros (50,0%), com ensino médio completo (40,5%), seguido por indivíduos que possuem o ensino

superior completo (35,7%). Quando abordados sobre o número de filhos houve uma porcentagem igual dos profissionais que referiram ter filhos (50,0%) e os que referiram não ter filhos (50,0%). Quanto a profissão houve o predomínio de técnicos de enfermagem (66,7%), com carga horaria de 36 horas semanais (76,2%) e trabalhavam apenas em uma única instituição (61,9%).

Tabela 1. Caracterização dos profissionais de saúde segundo variáveis socioeconômicas e demográficas. Caxias – MA, 2017. (N=42)

VARIÁVEIS	N	%
SEXO		
Feminino	34	81,0
Masculino	8	19,0
IDADE		
21 a 30	34	81,0
31 a 40	8	19,0
ESTADO CIVIL		
Solteiro	21	50,0
Casado	16	38,1
Companheiro	4	9,5
Divorciado	1	2,4
ESCOLARIDADE		
Fundamental completo	1	2,4
Médio Completo	17	40,5
Superior completo	15	35,7
Superior incompleto	9	21,4
FILHOS		
Sim	21	50,0
Não	21	50,0
PROFISSÃO		
Enfermeiro	11	26,2
Técnico de enfermagem	28	66,7
Auxiliar de enfermagem	3	7,1
HORAS DE TRABALHO SEM		
24 H	10	23,8
36 H	32	76,2
TEM SEGUNDO EMPREGO		
Sim	16	38,1
Não	26	61,9
TOTAL	42	100

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

3.2 Dados relativos ao estilo de vida dos profissionais de saúde

Em relação ao estilo de vida, conforme apresenta a tabela 2 abaixo, o estudo revelou que a maior parte dos profissionais não realizavam atividade física (85,3%) e não praticavam

o uso do tabagismo (92,9%). Quando abordados sobre o consumo de álcool, observou-se que a maioria consumia bebida alcoólica (52,4%).

Tabela 2. Dados relativos ao estilo de vida dos profissionais de saúde. Caxias – MA, 2017. (N=42)

VARIÁVEIS	N	%
FAZ ATIVIDADE FÍSICA		
Sim	18	14,7
Não	24	85,3
FUMA		
Sim	3	7,1
Não	39	92,9
TOMA BEBIDA ALCOÓLICA		
Sim	22	52,4
Não	20	47,6
TOTAL	42	100

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

3.3 Prevalência de dor osteomuscular referida por profissionais de saúde

Em relação prevalência de dor osteomuscular referida por profissionais de saúde, conforme mostra a tabela 3, a maioria dos profissionais declararam sentir dor ou fadiga muscular (78,6%). Quanto a frequência da dor ou fadiga 45,2% declararam ter sentido duas ou três vezes nos últimos doze meses, seguido por 28,6% que declararam ter sentido o desconforto entre quatro a seis vezes no último ano. Em relação a intensidade da dor ou fadiga, a maioria dos profissionais referiram ter dores intensas (38,1%).

Tabela 3. Prevalência de Dor osteomuscular referida por profissionais de saúde. Caxias – MA, 2017. (N=42)

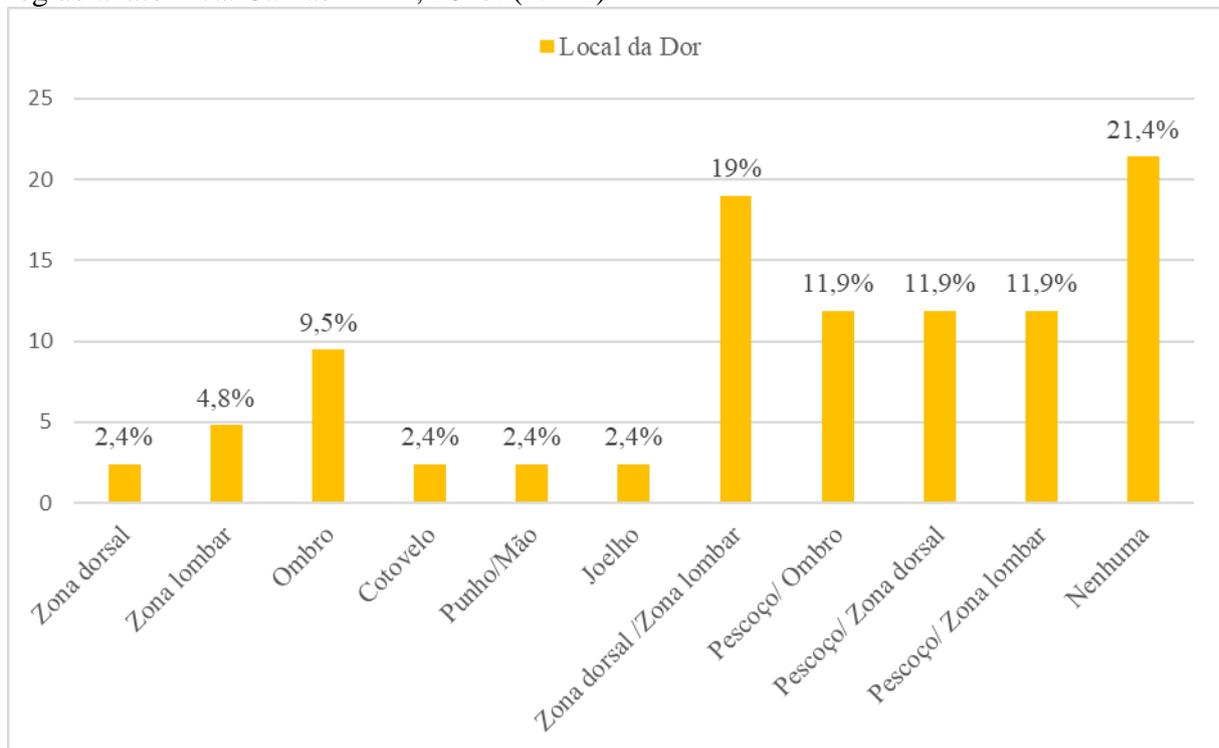
VARIÁVEIS	N	%
DOR OU FADIGA MUSCULAR		
Sim	33	78,6
Não	9	21,4
FREQUÊNCIA DA DOR OU FADIGA		
Duas ou três vezes	19	45,2
Quatro a seis vezes	12	28,6
Mais de seis vezes	2	4,8
Nenhum	9	21,4
INTENSIDADE DA DOR OU FADIGA		
Leve	2	4,8
Moderado	15	35,7
Intenso	16	38,1
Nenhum	9	21,4
TOTAL	42	100

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

3.5 Frequência de desconforto muscular em profissionais de saúde, de acordo com a região anatômica

O gráfico 1 apresenta os resultados relacionados ao desconforto osteomuscular dos profissionais de acordo com a região anatômica, onde houve um predomínio maior daqueles que não referiram ter sentido desconforto muscular (21,4%), seguido dos profissionais que referiam dor na região dorsal e lombar (19%). Além do mais, houve uma porcentagem igual dos que referiram desconforto na região do pescoço e ombro (11,9%), pescoço e zona dorsal (11,9%), pescoço e zona lombar (11,9%), seguida por ombro (9,5%).

Gráfico 1. Frequência de desconfortos musculares em profissionais de saúde, de acordo com a região anatômica. Caxias – MA, 2017. (N=42)



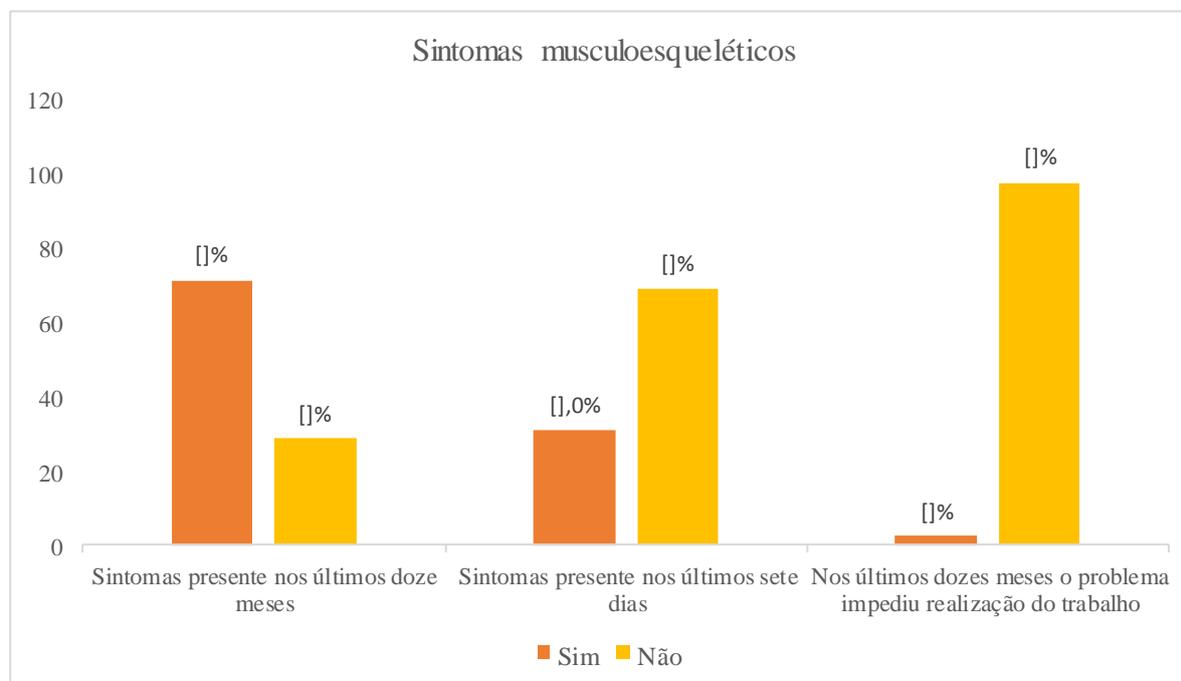
Fonte: Pesquisa direta, 2017.

3.6 Frequência de sintomas musculoesqueléticos em profissionais de saúde, nos últimos 12 meses, nos últimos sete dias e ausência do trabalho

O gráfico 2 apresenta os resultados relacionados aos sintomas musculoesqueléticos dos profissionais, com destaque entre os participantes que relataram presença dos sintomas nos últimos doze meses (71,4%). Em relação a presença de sintomas nos últimos sete dias, apenas 31,0 % referiram sentir desconforto muscular. Quando questionados se nos últimos

doze meses o problema impediu a realização do trabalho 97,6% dos profissionais responderam que não.

Gráfico 2. Frequência de sintomas musculoesqueléticos em profissionais de saúde, nos últimos 12 meses, nos últimos sete dias e ausência do trabalho. Caxias – MA, 2017. (N=42)



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

3.7 Relação entre a presença de dor muscular e fatores associados em profissionais de saúde

A tabela 4 apresenta a relação entre a dor muscular e fatores associados em profissionais de saúde, onde, das nove variáveis selecionadas na análise multivariada, apenas duas apresentaram significância estatística no modelo de *Pearson* para explicação de dores osteomusculares ao nível de significância de 5%: atividade física (<0,002) e segundo emprego (<0,008).

Tabela 4. Associação entre a presença de dor muscular e fatores associados em profissionais de saúde. Caxias – MA, 2017 (N=42)

Variáveis	Dor
	P-value
Idade	0,118
Gênero	0,557
Filhos	0,227
Atividade física	0,002
Profissão	0,243
Horas de trabalhos semanal	0,638
Tem segundo emprego	0,008

Etilismo	0,525
Fuma	0,181

Teste qui-quadrado de Pearson (SPSS). A correlação é significativa ao nível de <0,05.

Fonte: Pesquisa direta, 2017.

4. Discussão

Dentre os profissionais que participaram do estudo a maioria era composta pelo sexo feminino, com faixa etária entre 21 a 30 anos, solteiros, segundo grau completo, com filhos e em sua maioria técnicos de enfermagem, que possuem emprego único, carga horária de 36 horas, sendo que 61,9% trabalhavam em apenas uma única instituição.

Os achados relacionados às características socioeconômicas e demográficas dos participantes desta pesquisa corroboram com estudos similares. Como no estudo realizado por Silva, Rocha, Kawano, Gomes Neto e Martinez (2014), com 76 profissionais de saúde, realizado no hospital Irmã Dulce, na cidade de Salvador-BH, apresentou resultados semelhantes ao do estudo, mostrando que a maioria dos participantes era do sexo feminino (64,5%), com média de idade de 28 anos.

Estudo internacional realizado por Attar (2014), em um hospital de ensino geral na região ocidental da Arábia Saudita, com 200 profissionais de enfermagem, apresentou resultados semelhantes ao da pesquisa, mostrando que a maioria dos profissionais era do sexo feminino, com idade entre 21 e 30 anos.

Apesar do gênero não apresentar associação significativa entre desconforto muscular, vários estudos tem mostrado a prevalência de lesões musculoesqueléticas no sexo feminino. Este fato pode ser justificado pelo notável predomínio das mulheres na enfermagem, onde além das responsabilidades e atividades repetitivas das quais são submetidas, ressalta-se a dupla ou tripla jornada (Anunciação, Sales, Andrade, Silveira & Paiva, 2016).

Em relação a situação marital, o estudo revelou o predomínio das mulheres solteiras. Em contrapartida, estudo realizado por Lima et al. (2014), envolvendo 498 trabalhadores de enfermagem de um hospital universitário do Rio Grande do Sul, Brasil, apresentou resultados divergentes ao do estudo, mostrando que 69,3% dos profissionais eram casados.

Esses dados somados ao processo de trabalho podem contribuir para o aumento da exposição aos riscos de agravos à saúde, pois muitas vezes, esses trabalhadores sobrepõem às jornadas laborativas, visto que indivíduos casados apresentam maior índice de afastamentos do trabalho por terem mais responsabilidades domésticas (Sousa, Silva, Costa, Nunes & Medeiros, 2015).

No que se refere a escolaridade dos profissionais, a maioria possuía ensino médio completo, seguido de ensino superior completo. Esses achados corroboram com o estudo de Monteiro e Faro (2015), envolvendo 86 trabalhadores da equipe de enfermagem da Unidade neonatal, UTI neonatal e Banco de leite humano de um hospital universitário, mostrando que mais da metade dos profissionais referiram possuir ensino médio completo (55,8%) e já tinham concluído o curso de especialização (27,91%).

Quanto ao número de filhos, houve uma porcentagem igual dos profissionais com filhos e os que referiram não ter filhos. Em contrapartida, no estudo realizado Ribeiro (2012), com 291 profissionais de saúde, em um hospital público, referência para atendimento de emergência/urgência, na cidade de Salvador – Bahia apresentou resultados divergentes ao da pesquisa, mostrando que mais da metade dos profissionais possuíam filhos (62,0%).

Tendo em vista o predomínio de mulheres na área da saúde, Góes (2014) destaca que este grupo constitui fator de risco para o desenvolvimento de lesão osteomuscular, pois, além do emprego no hospital, desenvolvem atividades domésticas, cuidam dos filhos, o que exige um maior tempo de dedicação para o cuidado, levando ao desenvolvimento de lesões musculares.

Em relação a profissão, a maioria dos profissionais eram técnicos de enfermagem, bem como na pesquisa realizado por Monteiro e Faro (2015), com 86 trabalhadores de enfermagem da Unidade neonatal, UTI neonatal e Banco de leite humano de um hospital universitário, mostrando que 70,9% dos profissionais eram compostos por auxiliares e técnicos de enfermagem e 20,1% eram enfermeiros.

Do mesmo modo, no estudo realizado por Lima et al. (2014), com 634 trabalhadores de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), também houve resultados semelhantes ao do estudo, mostrando que a maioria dos profissionais eram técnicos de enfermagem (44,6%) e enfermeiros (28,9%).

Para Lelis et al. (2012), os profissionais técnicos e auxiliares de enfermagem são os que mais apresentam lesões musculares quando comparados aos enfermeiros, já que aqueles desempenham mais atividades de cuidado direto aos pacientes. Além disso, vale destacar que os enfermeiros também possuem uma elevada ocorrência de problemas osteomusculares, provavelmente devido as atividades laborais com sobrecarga de peso e posturas inadequadas (Silva et al., 2014).

Em relação as horas de trabalho semanal, houve o predomínio dos profissionais que trabalhavam 36 horas semanais. Esses achados corroboram com o estudo de Anunciação et al.

(2016), realizado com 25 profissionais de enfermagem de uma unidade de internação clínica, em Minas Gerais – MG, mostrou que (92%) trabalham em regime de 36 horas semanais.

Apesar dos resultados relacionados ao tempo de trabalho não apresentarem associação significativa com desconforto muscular, Anunciação et al. (2016), relatam que as longas jornadas de trabalho, em trabalhadores de enfermagem, podem ocasionar exaustão, fadiga e até mesmo afetar a assistência aos pacientes. Isso pode estar relacionado ao fato desses profissionais estarem expostos a um sistema de plantões extensos e de duplos cargos, que são muito comuns nesse grupo, devido à baixa remuneração (Brito, & Correio, 2017).

Ademais, entre os principais fatores de risco relacionados aos distúrbios musculoesqueléticos estão a organização do trabalho, como o aumento da jornada de trabalho, horas extras excessivas, ritmo de trabalho acelerado, entre outros. Essa sobrecarga predispõe a um maior número de casos de adoecimento e afastamentos dos profissionais de enfermagem por lesões físicas, sejam elas reversíveis ou não, incapacidades permanentes ou parciais (Anunciação et al., 2016).

Quando abordados sobre outras ocupações, o estudo mostrou associação significativa entre possuir um segundo emprego e dor muscular, evidenciando que a maioria possuía apenas um vínculo empregatício. Esses achados estão em conformidades com os da pesquisa de Ribeiro et al. (2012), com 291 profissionais de saúde, em um hospital público, referência para atendimento de emergência/urgência, na cidade de Salvador – Bahia, mostrando que a maioria dos profissionais não possuía outros trabalhos, em 65,9%.

Em contrapartida, o estudo de Góes (2014), com 144 profissionais de enfermagem, realizado no hospital Municipal de Foz do Iguaçu (HMFI), mostrou resultados similares ao da pesquisa, mostrando que entre os trabalhadores em 41,4% indicaram ter outra atividade profissional ou outro vínculo empregatício na profissão de enfermagem. O mesmo autor ratifica que estes vínculos extras, que nem sempre são na mesma área de atuação, podem vir a potencializar os agravos a saúde destes trabalhadores.

Quanto a atividade física, o estudo apontou um alto índice de trabalhadores que não praticava nenhum tipo de atividade física, evidenciando uma associação significativa com a variável de interesse. Esses achados estão em conformidade com o estudo de Vidor et al. (2014), com 110 trabalhadores de enfermagem das equipes de cirurgia, em um Hospital de Clínicas de Porto Alegre, mostrando que (84,0%) dos profissionais relataram não praticar atividade física.

O estilo de vida sedentário tem sido citado em várias pesquisas como fator de risco associado ao desenvolvimento de lesões osteomusculares. Estudos na literatura, ao

investigarem a prevalência de distúrbios musculoesqueléticos e os fatores associados entre trabalhadores da área da saúde, verificaram elevado percentual entre os trabalhadores de saúde que não praticavam atividade física (Monteiro, & Faro, 2015).

No que se refere a relação entre tabagismo e dor muscular, não houve associação entre as variáveis, evidenciando que os profissionais relataram não terem o hábito de fumar. Esses achados estão em consonância ao estudo de Lourenção, Sanches, Todesco e Soler (2017), entre 104 profissionais de diferentes áreas da saúde, de uma Faculdade de Medicina do interior paulista, mostrando que a maioria dos profissionais de saúde não fumavam (96,1%).

Alguns achados na literatura têm mostrado indícios sobre a relação entre tabagismo e dor muscular, haja vista que o consumo de cigarro pode diminuir a resistência dos músculos responsáveis pela estabilização dos segmentos corporais, como a coluna lombar, predispondo a dor. Além do mais, a nicotina pode afetar o sistema nervoso central, interferindo na percepção da dor pelos indivíduos (Luz et al., 2017).

Quando abordados sobre o etilismo, houve o predomínio dos profissionais que relataram não ingerir bebida alcoólica, não apresentando associação com a variável de interesse. Esses achados estão divergentes ao da pesquisa realizada por Ribeiro (2012), com 291 profissionais de saúde, em um hospital público referência para atendimento de emergência/urgência, na cidade de Salvador – Bahia, mostrando que o consumo de bebida alcoólica estava presente, com frequência de uma vez por semana ou mais.

Quanto a prevalência de dor osteomuscular, houve o predomínio dos profissionais que relataram sentir dor ou fadiga muscular (78,6%). Do mesmo modo, no estudo de Brito e Correio (2017), com 22 profissionais de enfermagem que atuam em centro cirúrgico em um hospital privado de cunho filantrópico de grande porte de um município do interior da Bahia, apresentou resultados similares ao do estudo, mostrando que a maioria dos profissionais (63,6%) relataram sentir algum desconforto físico. O mesmo autor afirma que a dor é um importante sintoma osteomuscular que deve ser valorizado e investigado para que a terapêutica seja estabelecida e os fatores de risco sejam minimizados.

Quanto a intensidade da dor, houve a prevalência de indivíduos (38,1%) que relataram sentir dor intensa. Esses resultados estão semelhantes ao do estudo realizado por Lima et al. (2014), com 634 trabalhadores de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), mostrando que a maioria dos profissionais apresentaram dor de intensidade forte, em 39,0%. Isso se deve ao fato de, no ambiente de trabalho, os profissionais continuam expostos aos riscos ergonômicos causadores dos problemas osteomusculares (Brito, & Correio, 2017).

Embora neste estudo houve o predomínio daqueles que não referiram sentir algum desconforto muscular de acordo com região anatômica, observou-se queixas de sintomas musculoesqueléticos em região dorsal/lombar (19,0%), pescoço/ombro (11,9%), pescoço/dorsal (11,9%) e pescoço/lombar (11,9%). Esses achados corroboram com o estudo de Vidor et al. (2014), em um hospital universitário terciário do sul do Brasil, com 110 trabalhadores de enfermagem das equipes de cirurgia, mostrando a prevalência de sintomas osteomusculares em região do pescoço/ombro (31,0%), região dorsal (28,0%) e região lombar (34,0%).

Para Valença e Alencar (2015), as atividades desenvolvidas por profissionais de enfermagem são, em muitas vezes, realizadas de forma contínua, exigindo atenção constante, esforço físico, posições inadequadas, movimentos repetitivos, levantamento de peso, o que predispõe ao risco de distúrbio osteomuscular em diversas partes do corpo.

Em relação a frequência de sintoma osteomuscular, houve o predomínio dos que referiram sentir a presença de desconforto nos últimos 12 meses (71,4%). Esses achados estão em conformidade com a pesquisa de Monteiro e Faro (2015), envolvendo 86 trabalhadores da equipe de enfermagem da Unidade neonatal, UTI neonatal e Banco de leite humano de um hospital universitário, que apresentou resultados divergentes ao do estudo, mostrando um percentual maior dos trabalhadores que referiram sintomas em alguma região corpórea nos últimos 12 meses em 87,21%.

As lesões osteomusculares podem ser caracterizadas pela ocorrência de sintomas concomitantes ou não como dor, parestesia, sensação de peso e fadiga e frequentemente são causas de incapacidades laborais temporárias ou permanentes (Valença, & Alencar, 2015).

Portanto, pela análise da literatura, os resultados apontam para a necessidade de se promover estratégias que conscientizem os profissionais sobre o risco da profissão, de modo a prevenir o desenvolvimento de lesões osteomuscular (Lourenção et al., 2017).

5. Conclusão

Ao término desse estudo pode-se perceber que o perfil dos profissionais de enfermagem acometidos por LER/DORT caracterizam-se por uma alta frequência no sexo feminino, em sua maioria técnicas de enfermagem. Os principais sintomas, de acordo com a região corpórea mais afetada, foram a zona dorsal/zona lombar, pescoço/ombro, pescoço/zona

dorsal, pescoço/zona lombar, ombro, membros superiores (braço, cotovelo), punho/mãos e joelhos.

Considera-se como principais limitações dessa pesquisa, um baixo espaço amostral, a recusa de alguns trabalhadores a participarem do estudo e a dificuldade em encontrar os profissionais com horário disponível para responder ao questionário devido à alta demanda de trabalho.

Portanto, atrelado às condições de trabalho vivenciadas pelos profissionais de enfermagem, a alta taxa de distúrbios osteomusculares entre os trabalhadores poderá ser o início da conscientização para que os gestores e colaboradores das instituições busquem em conjunto, soluções para redução da ocorrência desses agravos sobre as condições de trabalho desses profissionais, tais como: a análise ergonômica do trabalho, melhor dimensionamento de pessoal conforme necessidade de cuidados do paciente, garantia de férias, educação permanente em saúde do trabalhador, reduzindo assim a sua exposição à doença.

Esse estudo apresentou limitações, a principal estava associada ao tamanho amostral, por ter sido realizada em uma única instituição hospitalar, o que prejudica a generalização dos resultados. Outra limitação está associada a resistência e recusa de alguns profissionais em participar da pesquisa em questão.

Conclui-se que o tema lesões osteomusculares é de extrema importância para estudos específicos que poderão contribuir para o aumento da eficácia e a qualidade dos serviços oferecidos pela enfermagem, como maneira de impulsionar o crescimento de programas com grupos de trabalho e de pesquisas que permitam intervenções com estratégias de promoção à saúde do trabalhador e prevenção das LER/DORT.

Referências

Anuniação, CGM, Sales, LA, Andrade, MC, Silveira, CA, & Paiva, SMA. (2016). Sinais e sintomas osteomusculares relacionada ao trabalho em profissionais de enfermagem. *Revista Saúde*, 42(2), 31-40.

Attar, SM. (2014). Frequency and risk factors of musculoskeletal pain in nurses at a tertiary centre in Jeddah, Saudi Arabia: a cross sectional study. *Bmc Research Notes*, 7(1), 1-6.

Brasil. (2004). Portaria n.º 777, de 28 de abril de 2004. Brasília, DF: Ministério da Saúde.

Brasil. (2013). Anuário estatístico da Previdência Social 2000: seção I – benefícios: auxílios. Brasília, DF: Ministério da Previdência Social.

Brito, CF, Correio, LMGP. (2017). Caracterização do desconforto físico relacionado à ergonomia em profissionais de enfermagem do centro cirúrgico. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 6(1), 20-29.

Góes, E.P. (2014). Avaliação da prevalência de sintomas osteomusculares e fatores associados em trabalhadores de enfermagem de um hospital público do oeste do Paraná. *Revista Unioeste*, 16(24), 163-187.

Lelis, CM, Battaus, MRB, Freitas, FCT, Rocha, FLR, Marziale, MHP, & Robazzi, MLCC. (2012). Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho em profissionais de enfermagem: revisão integrativa da literatura. *Acta Paulista de Enfermagem*, 25(3), 477-482.

Lima, ACS, Magnago, TSBS, Prochnow, A, Ceron, MDS, Schardong, AC, & Scalcon, CB. (2014). Fatores associados à dor musculoesquelética em trabalhadores de enfermagem hospitalar *Revista de enfermagem – UERJ*, 22(4), 526-32.

Lourenção, LG, Sanches, NF, Todesco, TN, & Soler, ZASG. (2017). Queixas de distúrbios osteomusculares em aprimorando e aperfeiçoando atuantes em um hospital de ensino. *Revista de enfermagem UFPE*, 11(1), 383-92.

Luz, EMF, Magnago, TSBS, Greco, PBT, Ongaro, JD, Lanes, TC, & Lemos, JC. (2017). Prevalência e fatores associados à dor musculoesquelética em trabalhadores do serviço hospitalar de limpeza. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(2), 1-10.

Monteiro, CR, Faro, ACM. (2015). Sintomas osteomusculares em trabalhadores de enfermagem de uma unidade neonatal, UTI neonatal e banco de leite humano. *Revista Brasileira de Medicina Trabalho*, 13(2), 83-90.

Ribeiro, FN. (2012). Prevalência de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho em profissionais de enfermagem. *Revista brasileira de epidemiologia*, 15(2), 429-38.

Silva, CB, Rocha, CSAR, Kawano, MM, Gomes Neto, M, & Martinez, BP. (2014). Sintomas osteomusculares em fisioterapeutas e enfermeiros no ambiente hospitalar. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*. 4(3), 173-182.

Silva, ICJ, Alves, NR, Nogueira, MS, Mendonça, RMC, Alves, FAVB, Alves, AG, Valente, PHF. (2016). Incidência dos sintomas osteomusculares relacionados ao Trabalho da equipe de enfermagem do hospital santa Gemma/afmbs revista. *Faculdade Montes Belos (FMB)*, 9(2), 28-141.

Sousa, MNA, Silva, GM, Costa, TS, Nunes, RMV, & Medeiros, HRL. (2015). Prevalência de distúrbios osteomusculares em enfermeiros. *Fiep Bulletin*. 85, 1-6.

Valença, JBM, Alencar, MCB. (2015). Distúrbios osteomusculares e o trabalho de técnicos e auxiliares de enfermagem em instituições de idosos. *O Mundo da Saúde*, 39(3), 316-324.

Vidor, CR, Mahmud, AIM, Farias, LF, Silva, CA, Ferrari, JN, Comel, JC . . . Zanini, M. (2014). Prevalência de dor osteomuscular em profissionais de enfermagem de equipes de cirurgia em um hospital universitário. *Acta Fisiatr.*, 21(1), 6-10.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Francisco das Chagas Araújo Sousa – 20%

Kadja Fernanda Tinoco – 16%

Halmisson Darley Santos Siqueira – 16%

Evaldo Hipólito de Oliveira – 16%

Wenderson Costa da Silva – 16%

Luis Alberto de Sousa Rodrigues – 16%